Mosteiro de Marphisa Mont´Alverne

RUTH MONT´ALVERNE(*)

Discurso proferido em Sobral, na residência do casal Antônio Mont´Alverne Filho e Maria Marphisa Mont´Alverne, em 24 de novembro de 2004, por ocasião da entrega da restauração externa do Mosteiro, executada pelo Projeto Oficina-Escola de Artes e Ofícios da Prefeitura Municipal de Sobral, na Administração Cid Ferreira Gomes.

Gratidão, senhor prefeito de Sobral, é o sentimento que alcança os corações dos integrantes da família Mont´Alverne pela mercê dos reparos e repintagem da frontaria principal, do jardim lateral e do oitão, o que devolveu o esplendor do dia inaugural a este belo solar de meus pais, Antônio Mont´Alverne Filho e Maria Marphisa Mont´Alverne.

Foi na dinâmica gestão de Vossa Excelência, Dr. Cid Ferreira Gomes, que Sobral se transformou em patrimônio nacional, com o tombamento, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em 1999, do perímetro de preservação e entorno de proteção à área tombada, que contém edificações de expressivo valor do urbanismo colonial do Ceará, pela feição singular da encantadora presença de igrejas e sobrados que estão à espera das novas gerações e dos turistas para conhecerem a expansão urbana de nossa ensolarada cidade. Tenho certeza que o nome de Cid Ferreira Gomes será lembrado como o prefeito de Sobral que promoveu o seu renascimento cultural e executou políticas públicas de larga ambiência social, ampliando a cidadania dos sobralenses carentes e excluídos, além de preservar os espaços urbanísticos.

O agradecimento da família Mont´Alverne se estende ao senhor secretário municipal da Cultura, Dr. José Clodoveu de Arruda

Coelho Neto, e à equipe de técnicos que dirigiu a execução desse trabalho meritório, articulado pela intermediação de minha sobrinha Fernanda Mont´Alverne Frota, que desempenhou a contento nossa representação, junto à arquiteta Andrea Cruz.

Releva agradecer, pelo alcance social-cristão, aos devotados jovens dessa prolongada jornada de trabalho que, certamente, se adestraram nesse primeiro emprego, para ingressar no mercado de trabalho, participando da plena cidadania.

Minhas Senhoras. Meus Senhores.

No arco de entrada da cidade de Siena, na Itália, os que lá chegavam para morar, para engrandecer aquela cidade com a força do trabalho e com os talentos artísticos, liam uma frase que traduzia com efusiva cordialidade dos habitantes, o contentamento e a alegria pela chegada do visitante, do gestor e do artista: "Mais que o arco, Siena te abre o coração". Repito, em memória de meus pais e em nome de sua descendência que, mercê de Deus, represento, parodiando o dístico do arco sienense: mais que a alta porta de entrada deste solar, abro meu coração agradecido ao excelentíssimo senhor prefeito de Sobral, Dr. Cid Ferreira Gomes, pela adoção do programa de preservação de imóveis na área tombada, que restituiu a imponente beleza deste palacete, que compõe a harmoniosa fisionomia urbana de Sobral.

Minhas Senhoras. Meus Senhores.

Vivo nesta casa desde sua inauguração solene, a 4 de agosto de 1918. Sou a guardiã deste Mosteiro por expressa recomendação de minha mãe e plena concordância dos meus irmãos condôminos. Tenho a idade deste belo casarão. A vida dele se confunde com a minha. Aqui cheguei com 3 meses e dias, nos braços de minha mãe, no dia da inauguração. Peço que me permitam, por amor a este solar, trazer um testemunho, evocar velhas e caras recordações, como se fossem, à maneira de Machado de Assis, minhas relíquias desta casa velha, memórias deste Mosteiro de Marphisa Mont´Alverne.

O terreno onde está encravado este solar pertenceu a meu avô Antônio Mont´Alverne, que pretendeu construir aqui sua residência, tendo até levantado os alicerces. Na sua sucessão hereditária, ocorrida em 1910, coube como quinhão esse terreno a meu pai, Antônio Mont´Alverne Filho.

Minha mãe já residia em Sobral desde 1903, quando chegou do Ipu, sua terra natal, na companhia dos tios e pais adotivos, Alexandre Soares e Maria Delmira. Meninota, minha mãe passeava pela cidade a partir da rua do Marinho até a praça do Siebra, em companhia de Adalgisa Frota, sua grande amiga (que depois viria a ser sogra de minha irmã Teresinha), e andava sobre os alicerces da construção abandonada, sem saber que pertencia ao futuro sogro e que habitaria este palacete, compactado por seus pés e, mais tarde, transformado em igreja doméstica pelos seus joelhos de cristã devota, durante seu fecundo matriarcado.

Meus pais se casaram a 10 de novembro de 1906. No ano seguinte, o casal visitou o Grão-Pará. Moraram no Ipu de 1907 a 1916. A família cresceu rápido. Meu pai tinha vocação para patriarca. Queria família numerosa e teve. Em 1916 minha mãe já tinha 6 filhos vivos, pois Maurício havia morrido no Ipu, a 16 de janeiro desse ano. Alexandre Soares só se tranqüilizou quando trouxe meus pais do Ipu para Sobral.

Homem de largos cabedais e ânimo de construtor, o coronel Soares dá início, em 1916, à construção deste solar, aproveitando o terreno que pertencia ao genro. Durante dois anos, 42 operários dos mais variados ofícios trabalharam na construção deste casarão que meu avô presenteou a Sá Marphisa e Seu Alverne.

A casa era um requinte, adornada com mobílias austríacas, vermelha e preta; consoles de pau-preto, com lanternas de cristal e jarro de opalina; espelhos venezianos; telas de pintura; gravuras francesas; piano alemão; violino e bandolim e grandes retratos dos nossos avoengos; quadro com a bênção do papa reinante; lustres faiscantes; belo quadro do Cristo, procedente da cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará; imagens francesas no santuário; portas entalhadas e com trincos de louça, encimadas com bandeiras de rica traça da movelaria sobralense; mesa de refeição

de tamanho conventual; guarda-roupas de cedro-faia; urinóis de cristal e de louça; lavatórios; penteadeiras; liteira; aparelho de louça com o monograma "AS", outro belíssimo, que chamamos aparelho das orquídeas, adquirido por meu pai em São Luís do Maranhão, terra onde estudou.

A inauguração deste solar ocorreu no domingo, dia 4 de agosto de 1918. No topo da escada, recebendo os convidados, estavam Alexandre Soares e Mariquinha, ele abordoado à bengala e ela de vestido longo com uma sombrinha francesa adquirida na *Maison Bleue*. Às dez horas da manhã, chegou minha mãe, arrimada ao braço do marido. Antes do casal, subiu a escadaria da entrada desta casa o cortejo composto pelos filhos: Mimosa, José Maria, Maria Elisa, Aracy, Guarany e Alpha. Com três meses e meio de nascida, tive o privilégio de entrar nesta casa nos braços da mamãe. Ao lado dela vivi com alegria, até que o Senhor a levou para o seu Reino, a 4 de maio de 1973. Continuei a viver neste Mosteiro de Marphisa Mont´Alverne como sentinela inarredável que vela por tudo o que aqui está, preservando-o para a descendência de meus pais e para o regalo dos visitantes. Vivo alegre, mas com o coração povoado de saudades.

A festa da inauguração a que me reporto constou inicialmente da bênção das dependências da casa, por dom José Tupynambá da Frota, acompanhado do padre Lira (Antônio Lira Pessoa de Maria) e padre Linhares (Fortunato Alves Linhares), como eram chamados à época. Após isso, os oficiantes e convidados retornaram à sala de visita para a bênção do majestoso quadro do Cristo, adquirido no Grão-Pará pelo Verniaud, amigo de meu pai. O quadro estava sobre uma mesa e foi alçado por roldanas ao alto da parede central e lá permanece até hoje, abençoando aos que chegam e saem desta casa. Na ocasião do término da sua aposição, a banda de música Euterpe Sobralense executou o Hino Nacional, sob intenso foguetório. Em seguida, os casais Alexandre Soares e Mariquinha e Toinho e Marphisa trouxeram os convidados até esta mesa secular, repleta de doces e salgados e do vinho da Sicília e da Toscana, que o Barão encomendou na *Casa Boris*. O primeiro orador a falar foi o Dr. José Clodoveu de Arruda

Coelho, já àquela época um mestre da oratória sobralense. Logo após, o jovem Rodrigo Machado fez o perfil de homem empreendedor de Alexandre Soares. O padre Lira, na seqüência dos oradores, exaltou as virtudes cristãs de Nininha e Marphisa. O padre Linhares, pela amizade estreita com a família, falou em nome de meu pai. Finalmente, dom José Tupynambá da Frota, em tom de comovida emoção, relembrou a grande amizade que unia seu pai, Manuel Artur da Frota a Alexandre Soares. Ao término de sua oração, dom José aludiu à amizade que tinha a meu pai, companheiro de infância e de banco escolar, nas aulas do professor Arruda. Referiu-se à promessa que fizera de casá-lo, após ingressar no Seminário da Bahia e se tornar padre. Meu pai garantiu ao amigo que esperava vê-lo padre para que pudesse presidir a cerimônia do seu casamento. A promessa daqueles dois meninos foi integralmente cumprida. Na Capela de Nossa Senhora do Rosário, a 10 de novembro de 1906, meus pais receberam a bênção nupcial, pelas mãos do padre doutor José Tupynambá da Frota.

Minhas Senhoras. Meus Senhores.

Os aplausos que se ouviram do contentamento dos participantes da inauguração desta casa, a 4 de agosto de 1918, repercutem no meu coração, ecoando até a solenidade de reinauguração deste palacete, reinauguração que agora celebramos, na data indelével de 24 de novembro de 2004.

Foi bênção de Deus que me propiciou assistir às duas festas desta casa, arca das tradições da família Mont´Alverne. A todas as autoridades aqui presentes e à minha família, em particular, meu penhorado agradecimento.